

Artigo

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES À COMPLEXIDADE REGENERADORA

WESTERN HUMANISM ON THE MOVE: FROM THE ORIGINS OF IDEALIZATIONS TO REGENERATING COMPLEXITY

Carlos Alberto Pereira Silva¹ - 0009-0004-2739-270X

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Brasil -
carlos.pereira@uesb.edu.br

Resumo:

A crença na superioridade humana e a fé no futuro, preenchido pelo progresso contínuo e ilimitado, constituem fundamentos estruturantes das sociedades ocidentais. Com base nessa premissa, refletirei sobre o itinerário do humanismo ocidental, cuja trajetória é recortada por idealizações que, ao serem submetidas à práxis histórica, desdobraram-se no contrário dos desejos idealizados. Considerando que os humanos não são “senhores e possuidores da natureza” e que o futuro é indeterminado, apresentarei princípios contidos no Pensamento Complexo como vias fundamentais à inadiável regeneração do humanismo ocidental.

Palavras-chave: antropocentrismo; natureza, progresso; regeneração; complexidade.

Abstract:

The belief in human superiority and faith in the future, filled with continuous and unlimited progress, constitute the structuring foundations of Western societies. Based on this premise, I will reflect on the itinerary of Western humanism, whose trajectory is marked by idealizations that, when subjected to historical praxis, unfolded contrary to idealized desires. Considering that humans are not “lords and possessors of nature” and that the future is indeterminate, I will present principles contained in Complex Thought as fundamental paths to the urgent regeneration of Western humanism.

Keywords: anthropocentrism; nature, progress; regeneration; complexity.

Introdução

Inicialmente, é imprescindível sublinhar que este trabalho busca refletir sobre uma expressão do humanismo, entre tantas outras, que é o humanismo ocidental. Afinal, nessa longa epopeia humana no planeta Terra, existiram e continuam existindo múltiplas expressões do humanismo. Humanismos africanos, humanismos orientais e humanismos

indígenas fizeram e fazem parte da sinuosa jornada humana. Ressalto, ainda, que o humanismo ocidental não pode ser compreendido como um todo homogêneo em razão da existência de nuances distintas no seu interior que são traduzidas em múltiplas experiências históricas. A partir desse entendimento, a pretensão é refletir sobre dois fundamentos basilares do humanismo ocidental: o *status* do humano entre os viventes e sua relação com o futuro.

Dito isso, destaco que a história do humanismo ocidental, preenchida pela crença na superioridade humana e pela certeza da existência do futuro como tempo radiante, é a história de idealizações que não alcançaram concretização dos desejos anunciados. A primeira idealização traduz-se na arraigada crença de que “o mundo pertence ao homem”, conforme destaca Daniel Quinn (2007) em sua seminal obra literária sobre a condição humana. Dessa crença decorre, entre outras presunções, o entendimento de parcelas consideráveis das sociedades ocidentais que, ao referirem-se às inalienáveis riquezas existentes na natureza, dizem ingenuamente: “nossos mares, nossos rios, nossos lagos, nossas montanhas, nossas florestas”. Uma outra idealização manifesta-se na certeza do progresso e na crença inabalável de que o futuro existe, é moldável e é o tempo em que se concretiza a perfectibilidade.

Conforme foi sublinhado, o humanismo ocidental possui no seu interior vertentes com nuances diferenciadas. Dessa forma, ao constatar a preponderância das idealizações, também reconheço a existência de ideias e práticas dissonantes desde a sua emergência até o tempo presente. Assim sendo, esta reflexão apontará princípios e operadores cognitivos contidos no Pensamento Complexo propagado por Edgar Morin, “o humanista sem fronteiras”, como dimensões vitais à regeneração do humanismo ocidental, diante das metamorfoses civilizatórias em curso.

Idealizações do humanismo ocidental

Neste primeiro momento, é fundamental destacar que a emergência do humanismo ocidental aconteceu muito antes do nascimento da cultura greco-romana e, bem distante temporalmente, do Renascimento Cultural ocorrido no solo europeu na aurora do mundo moderno. Na sustentação desse argumento, acolho como ponto de partida uma breve referência feita por Edgar Morin (2009, p. 44) ao filósofo polonês Leszek Kolakowsky por ele ter reconhecido a origem do humanismo na tradição judaico-

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

cristã, visto que: “[...] na Bíblia, Deus faz o homem à sua imagem e no Evangelho, Deus encarna num ser humano”. Convencido da pertinência dessa premissa, assumo o entendimento de que o avento do humanismo ocidental está situado há, aproximadamente, 1300 anos antes do nascimento de Cristo quando foi escrita a “Carta - Testamento” incorporada pelo mundo ocidental: o livro do Gênesis. Nesse livro, escrito no mundo oriental e introjetado pela cultura ocidental, descortina-se um antropocentrismo singular que consagra o homem como um ente privilegiado e possuidor de poder total sobre os outros viventes. Assim, o livro do Gênesis, em seu primeiro capítulo, anuncia a existência de um suposto poder dos humanos:

24 E disse Deus: Produza a terra alma vivente conforme a sua espécie; gado, e répteis e feras da terra conforme a sua espécie; gado e repteis, e bestas feras da terra conforme a sua espécie. E assim foi.

25“E fez Deus as bestas feras da terra conforme a sua espécie, e o gado conforme a sua espécie, e todo o réptil conforme a sua espécie. E viu Deus que era bom.

26 “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar e sobre as aves do céu, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

27 E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou, macho e fêmea os criou.

28 E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo animal que se move sobre a terra (Gênesis 1, 26-28, *apud* Bíblia, 1962, p. 4).

Inserido no itinerário de propagação desse antropocentrismo singular, Davi, Rei de Israel, aproximadamente 1000 anos antes de Cristo, chancela a premissa da superioridade humana. Ao escrever o Salmo 8, Davi explicita a compreensão do poder hierárquico do humano, imputando aos homens a condição de semideuses.

8 Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra, pois puseste a tua glória dos céus!

2 Da boca das crianças e dos que mamam tu suscitaste força por causa dos teus adversários para fazerem calar o inimigo e vingativo.

3 Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;

4 Que é o homem imortal para que te lembre dele? E o filho do homem para que o visites?

5 Contudo pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.

6. Fazes com que a tenha domínio sobre as obras de tuas mãos; tudo puseste debaixo dos seus pés:

7. Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo,

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

8. As aves do céu e os peixes do mar e tudo o que passa pelas veredas dos mares.

9. Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre a terra (Salmos 8, 1-9, *apud* Bíblia, 1962, p. 546).

Na Grécia Antiga, o dramaturgo Sófocles, que nasceu aproximadamente em 497 a. C, ao criar a peça teatral “Antígona”, confirma o lugar de destaque ocupado pelo homem na Terra. Naquele momento, sem que houvesse a mediação de um Deus monoteísta, conforme apresentado pelo judaísmo, Sófocles anuncia a sua contribuição para a emergência de um antropocentrismo recortado pela laicidade.

Numerosas são as maravilhas da natureza, mas, de todas, a maior é o homem! Singrando os mares espumosos, impelido pelos ventos do sul, ele avança e arrosta as vagas imensas que rugem ao redor!

E Gea, a suprema divindade, que a todas mais supera, na sua eternidade, ele a corta com as suas charruas que de ano em ano, vão e vêm fertilizando o solo graças à força das alimárias.

Os bandos de pássaros ligeiros; as hordas de animais selvagens e peixes que habitam as águas do mar, a todos eles o homem engenhoso captura e prende nas malhas de suas redes (Sófocles, *apud* Jonas, 2006, p. 31).

Na antiguidade greco-romana, momento em que a imensa maioria dos historiadores reconhece o surgimento do humanismo ocidental, ao afirmar que o “homem era a medida de todas as coisas”, Protágoras de Abdera, nascido em 490 a.C, exalta o antropocentrismo. Assim, em meio à profusão de deuses, emerge um humanismo que prescinde da existência de um único Deus.

No medievo, com o triunfo do monoteísmo cristão sobre a cultura politeísta greco-romana, a visão acerca da superioridade humana na Terra continuou predominando. No que diz respeito ao futuro, ainda que alguns estudiosos possam insistir na tese da existência de uma estagnação sociocultural, a crença no progresso era muito relevante. Aurélio Agostinho de Hipona, nascido na Argélia em 354 d.C, foi pioneiro na propagação da ideia de progresso. Ainda que o progresso apontado por Aurélio de Hipona, o Santo Agostinho, possua relação direta com a crença cristã na existência de vida além da morte, as suas afirmações sobre o futuro ressoam sobre os profetas do progresso, essencialmente laicos, que viriam depois dele. Assim dizia Santo Agostinho: “[...] do mesmo modo, que o mundo se renova para melhor, também os homens, com sua carne renovada, tornam-se melhores” (SANTO AGOSTINHO, *apud* NISBET, 1985, p. 85). A importância de Santo Agostinho para pensar o futuro e a ideia de progresso, seja na perspectiva clerical ou laica,

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

é significativa. Como Destaca Nisbet (1985, p. 85), “[...] a partir de Santo Agostinho, com poucas interrupções houve no Ocidente uma tradição preocupada em atingir uma sociedade perfeita, seja neste mundo ou no próximo”. Reconhecendo o lugar de destaque das reflexões agostinianas nas sociedades ocidentais, Nisbet sintetiza o legado desse expoente-mor da intelectualidade ocidental:

Em Santo Agostinho, especialmente em “A Cidade de Deus” todos os elementos vitais e essenciais da ideia de progresso ocidental estavam presentes: a humanidade ou raça humana, o avanço do gênero de forma acumulativa, desdobrando-se, material e espiritualmente, através do tempo; um só esquema de tempo dentro do qual podem ser incluídos todas civilizações, culturas, e povos que existiram ou que ainda existem na terra; a idéia de tempo como fluir unilateral; a concepção de etapas e épocas cada uma refletida por uma civilização histórica ou por um grupo de civilizações ou por um nível de desenvolvimento cultural: a concepção de reforma social embasada pela consciência histórica; a crença no caráter necessário da história e na inevitabilidade de alguma meta futura ou objetivo; a idéia do conflito de cidade nações e classes como a mola motor do processo histórico e, finalmente, o retrato embevecido do futuro, estabelecidos em termos psicológicos, culturais e econômicos em que permaneceriam os termos essenciais para quase todas as utopias nos séculos seguintes: a abundância, a segurança, a liberdade, a tranquilidade. E a justiça! (Nisbet, 1985, p. 87).

Ainda que a reflexão aqui proposta objetive demonstrar as ideias dominantes sobre o humano, o futuro e o progresso, presentes no Ocidente em sua longa trajetória histórica, nuances distintas no interior do humanismo ocidental sempre emergiram mesmo que não tenham sido alçadas à condição de matrizes civilizatórias. Esse é o caso de Giovanni di Pietro di Bernardone que nasceu em Assis, na Itália no final do século XII, em um tempo em que a superioridade humana diante dos outros seres não era questionada e o progresso aparecia como sentença nos textos de Santo Agostinho. Em sua vida, Giovanni di Pietro di Bernardone, um sereno desviante, testemunhou a necessidade de superação do antropocentrismo e indicou a possibilidade da emergência de um viver sob a égide do biocentrismo ou, até mesmo, do cosmocentrismo. É dele o poema-oração “Cântico das Criaturas” que, sabiamente, anuncia a impossibilidade de existência de superioridade humana na terra.

Altíssimo e onipotente Bom Senhor
Teus são os louvores, a glória a honra e toda a benção
A ti somente, Altíssimo, eles convêm
E nenhum homem é digno de te imitar
Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas
Especialmente o senhor irmão Sol

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

O qual faz o dia e por ele alumia
E ele é belo, radiante, com grande esplendor de ti
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua
Pelas estrelas que no céu formaste-as claras preciosas e belas
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento
Pelo ar, pela nuvem, pelo sereno e todo tempo
Pelo qual da as tuas criaturas o sustento
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água
A qual nos é muito útil, úmida, preciosa e casta
Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo
Pelo qual iluminas a noite, ele é belo robusto e forte
Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a mãe terra
A qual nos sustenta, governa e produz diversos frutos
Flores coloridas e ervas
Flores coloridas e ervas
Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a morte corporal
Da qual nenhum vivente pode escapar
Bendito aquele que se encontra na tua santíssima vontade
Ao qual a morte não fará mal
Louvai e bendizei o meu Senhor
Agradeça e sirva com grande humildade...

Giovanni di Pietro di Bernardone faleceu em 1126 e foi canonizado pelo Papa Gregório IX, dois anos após a sua morte, tornando-se São Francisco de Assis. Lamentavelmente, ainda que tenha sido santificado pela instituição dominante em sua época, a mensagem de São Francisco de Assis submergiu diante da vertiginosa propagação do antropocentrismo nos tempos modernos.

Na época de gestação da modernidade, entre os séculos XV e XVIII, a crença na superioridade do homem, a busca da dominação da natureza e a fé no futuro ampliam os seus contornos. Essa é a época na qual ocorrem o Renascimento Cultural, a Revolução Científica e o Iluminismo. Durante o Renascimento, William Shakespeare, dramaturgo e ator inglês, reitera a visão antropocêntrica, surgida remotamente, ao afirmar em sua peça teatral Hamlet: “que obra de arte é o homem: tão nobre no raciocínio; tão vário na capacidade; em forma e movimento, tão precioso e admirável na ação é como um anjo; no entendimento é como um Deus; a beleza do mundo; o exemplo dos animais”.

Nos séculos XVI e XVII, ocorre o nascimento da ciência moderna. Nicolau Copérnico, Johannes Kepler, Galileu-Galilei, Francis Bacon, René Descartes e Isaac Newton são suas grandes referências. Abstração, observação, racionalização, experimentação, classificação e matematização constituirão os fundamentos basilares do emergente conhecimento científico. No que diz respeito à relação dos humanos com a Terra e os outros seres vivos, a superioridade dos humanos é reafirmada. Para Francis

Bacon, conforme destaca Capra (2006, p. 52), a natureza tinha que “ser açoitada em seus descaminhos”, “obrigada a servir” e “escravizada”. Ela deveria ser reduzida à “obediência”, e o objetivo do cientista era “extrair da natureza sob tortura os seus segredos”. René Descartes encarava a natureza como uma máquina. Enquanto máquina, ela poderia ser desmontada e conhecida. A partir desses enunciados, depreendo que as idealizações contidas no livro *Gênesis* são atualizadas sem a necessidade de intervenção de um ser transcendental.

No século XVIII, eclode o “Iluminismo”. Esse é o tempo em que a razão ocidental é elevada à condição de deusa. Montesquieu, Voltaire, Rousseau, Diderot e Jean d’Alambert, cada um ao seu modo, propagam a “Filosofia das Luzes” que, para eles, era geradora de “esclarecimento” entre os europeus e além das fronteiras europeias. Inserido nesse contexto, Anne Robert Jacques Turgot, que foi Secretário da Fazenda do rei Luís XVI, destaca-se por proferir na Sorbonne, aos 23 anos, a conferência intitulada *A Filosófica Review of the Successive Advances of the Humana Mind*, na qual apresentou a Lei do Progresso.

O interesse individual, a ambição e a glória vã são os móveis principais, e em meio a suas devastações suavizam-se os costumes, ilumina-se a mente humana, aproxima-se as nações isoladas; laços políticos e comerciais finalmente unem todas as regiões do globo; a massa total do gênero humano, através de períodos alternados de calma e de subversão, de boa ou de má sorte, avança lenta, mas constantemente em direção a um aperfeiçoamento cada vez maior” (Turgot, *apud* Nisbet, 1985, p. 190).

Conforme destaca Nisbet (1985, p. 189), “[...] os historiadores concordam unanimemente que esta conferência de Turgot, tenha sido a primeira formulação – sistemática, secular e naturalista, da ideia ‘moderna’ de ‘progresso’”. Através das palavras proferidas por Turgot, em dezembro de 1750, emerge o progresso laico como sentença.

Ainda no século XVIII, época da Revolução Industrial, Revolução Francesa, Independência das Treze Colônias Inglesas, Inconfidência Mineira e Conjuração Baiana, a Lei do Progresso, anunciada por Turgot, seria cancelada por Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, o Marquês de Condorcet. Participante ativo do processo revolucionário que culminou no fim do absolutismo francês, Condorcet nasceu em Ribemont, no ano de 1743. Expoente do movimento iluminista e propagador das ideias liberais, atuou também como deputado na Assembléia Nacional Francesa. Ao exercer o

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

cargo de deputado, Condorcet notabilizou-se por apresentar um projeto relacionado à educação pública. No que diz respeito ao processo evolutivo, ao escrever a sua obra “Ensaio de um quadro histórico dos progressos do espírito humano”, Condorcet reiterou e sistematizou a Lei do Progresso anunciada pelo seu amigo Turgot:

A natureza não estabeleceu nenhum limite para a perfeição das faculdades humanas, pois a capacidade dos homens se tornarem perfeitos é verdadeiramente infinita; o progresso dessa capacidade a partir de hoje independente de qualquer poder que pretenda detê-lo não tem outro limite que a duração do globo no qual a natureza nos colocou. Este progresso... nunca deterá, ao menos enquanto a terra ocupar o seu presente lugar no vasto sistema do universo e enquanto as leis gerais do sistema não produzirem um cataclisma geral ou mudanças tais que arrancarão da raça humana suas faculdades presentes e seus recursos atuais (Condorcet, *apud* Nisbet, 1985, p. 216).

No século XIX, após a ocorrência de revoluções de vários tipos, nasce a modernidade. Naquele contexto, em meio ao triunfo do capitalismo industrial e do liberalismo econômico, a ciência, a tecnologia e o progresso secular transformam-se em divindades dignas de veneração. Nesse terreno fértil, emerge a tríade criadora das Religiões do Progresso: Augusto Comte, Alan Kardec e Karl Marx.

Auguste Marie François Xavier Comte nasceu na França, em Montpellier, no ano de 1798. Ele foi o precursor da Sociologia e buscou compreender o processo de evolução da humanidade. Para Augusto Comte, a humanidade, em seu itinerário, passaria por três estágios civilizatórios. No primeiro estágio, o estado teológico, as sociedades seriam influenciadas por crenças espirituais e dominadas pelos dogmas religiosos. No segundo estágio, o estado metafísico, a especulação filosófica suplantaria os dogmas religiosos e “abriria espaço” para a emergência de um estado superior. Ao concluir a transição, a humanidade alcançaria o apogeu com o estabelecimento do terceiro estágio que seria o estado positivo. Caracterizado pela preponderância do conhecimento científico, o estado positivo finalizaria fulgurantemente o processo civilizatório e metamorfosearia-se numa autêntica “Religião da Humanidade”. Sintonizado com o anúncio iluminista da Lei do Progresso, Augusto Comte difundiu o Positivismo ancorando-o nos princípios da ordem e do progresso. Em seu “Discurso preliminar sobre o espírito positivo”, Comte, ao refletir sobre a “superioridade social do positivismo”, reiterava a sua inabalável crença no progresso:

Sob um aspecto mais sistemático, a nova filosofia aponta, diretamente, como destino necessário a toda nossa existência a um tempo pessoal e social, o

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

melhoramento contínuo não somente de nossa condição, mas também e sobretudo de nossa natureza, tanto quanto o comporta, a todos os respeitos, o conjunto das leis reais exteriores e interiores. Erigindo, assim, a noção de progresso em dogma verdadeiramente fundamental da sabedoria humana, quer prática, quer teórica, ela lhe imprime o mais nobre e também o mais completo caráter, representando sempre o segundo gênero de aperfeiçoamento como superior ao primeiro (Comte, 2002. p. 107).

Hyppolyte-Léon Denizard Rivail nasceu na França, em Lyon, no ano de 1804. Allan Kardec, encantado com os progressos científicos do seu tempo e influenciado determinantemente pelo ideário advindo da “Filosofia das Luzes”, foi o criador de uma das religiões do progresso que é o Espiritismo. Intelectual reconhecido pelos seus pares na área da pedagogia, antes de adentrar no “mundo dos espíritos”, Allan Kardec foi professor e autor de livros que refletem sobre temas vinculados à educação. Em 1857, Kardec publicou “O livro dos espíritos” que se configura como a sua primeira obra na qual são apresentados os fundamentos gerais dessa nova religião do progresso. Fiel defensor da Lei do Progresso, Kardec buscou estabelecer conexões entre os ensinamentos oriundos de Jesus Cristo e os pressupostos científicos dominantes naquela época. Para ele, a evolução era inevitável e a reencarnação estava alicerçada em pressupostos científicos. Ainda que o Espiritismo propague a separação entre matéria e espírito, princípio herdado de René Descartes que versou sobre a dualidade entre *Res Extensa* (corpo) e *Res Cogitans* (espírito), a indissociabilidade entre essas duas dimensões da existência pode ser cabalmente constatada. Afinal, conforme os fundamentos antropológicos da Doutrina Espírita, na marcha evolutiva do espírito rumo à perfeição sempre haverá necessidade de um corpo humano plenamente encarnado. No que diz respeito à inquebrantável fé no progresso, no “Livro dos Espíritos”, Kardec sintetiza:

781. Tem o homem o poder de deter a marcha do progresso?

- Não, mas o de entrar algumas vezes

a) – Que pensar dos homens que tentam deter a marcha do progresso e de fazer a Humanidade retrogradar?

- Pobres seres, que Deus castigará! Eles serão transportados pelas torrentes que querem deter.

O progresso, sendo uma condição da natureza humana, não está ao alcance de ninguém a ele se opor. Ihe. É uma força viva que as más leis podem retardar, mas não sufocar. Quando estas leis se tornam incompatíveis, ele as afasta com todos aqueles que tentam mantê-las, e assim o será até que o homem tenha colocado suas leis em conformidade com a justiça divina, que quer o bem para todos, e não leis feitas para o forte em prejuízo do fraco (Kardec, 1994, p. 30

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

Karl Henrich Marx nasceu na Alemanha, em Tréveris, no ano 1818. Era estudioso da história da humanidade e profundamente preocupado com a desigualdade social resultante do triunfo do capitalismo industrial. Marx, de forma eclética, recolheu as contribuições intelectuais de sua época, derivadas da Filosofia Alemã, da Economia Clássica Inglesa e do Socialismo Francês, para criar algo essencialmente novo que seria o Materialismo Histórico. Inserido na época do triunfo da sociedade industrial, Marx, em sua densa obra, criticou mordazmente as desigualdades entre as classes sociais potencializadas pelo capitalismo liberal sem insurgir-se contra o industrialismo moderno. Encantado com a ciência, a técnica, o mundo urbano e o progresso material, Marx preconizava a superação da sociedade de classes através da organização revolucionária dos proletários que eram considerados por ele como autênticos “coveiros” do capitalismo. Conforme preconizava Marx, após o fim do capitalismo adviria o Socialismo, enquanto etapa transitória, que seria suplantado pela sociedade sem classes e sem estado com a instauração, em âmbito mundial, do Comunismo.

O progresso, pedra angular da utopia comunista, foi objeto de reflexão de Marx em seus densos escritos. Ao assumir lugar de destaque entre a elite intelectual europeia que exalava otimismo em meados do século XIX, Marx, por reconhecer a “sanha civilizatória” do capitalismo, confirmava a pertinência da Lei do Progresso:

Hoje em dia, tudo parece levar em seu seio sua própria contradição. Observamos que as máquinas, dotadas de maravilhosas propriedades de reduzir e tornar mais frutíferos o trabalho humano provoca a fome e o esgotamento do trabalhador. As fontes de riqueza recém descobertas se convertem, por obra de uma estranha magia, em fonte de privações. Os triunfos da técnica parecem ter sido adquiridos à custa das qualidades morais. O domínio do homem sobre a natureza é cada vez maior; porém, ao mesmo tempo, o homem se converte em escravo de outros homens ou de sua própria infâmia. Até a pura luz da ciência parece não poder brilhar mais que sobre o fundo tenebroso da ignorância. Todos nossos inventos e nosso progresso (*progress*) parecem dotar de vida intelectual as forças materiais enquanto reduzem a vida humana ao nível de uma força material bruta. Este antagonismo entre a indústria moderna e a ciência, por um lado, e a miséria e a decadência, por outro; este antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais de nossa época é um fato palpável, irresistível e incontroverso. Alguns partidos podem lamentar este fato; outros podem querer desfazer-se dos progressos modernos da técnica de forma a se verem livres dos conflitos atuais; outros podem imaginar que este notável progresso industrial (*a progress in industry*) deve complementar-se com uma regressão política igualmente notável. Pelo que se refere a nós, não nos enganamos a respeito da natureza deste espírito maligno que se manifesta constantemente em todas as contradições que acabamos de assinalar. Sabemos que para fazer funcionar as novas forças da

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

sociedade se necessita unicamente que estas passem para as mãos de novos homens, e que tais novos homens são os operários (Marx, 1980, 514, *apud* Costa Neto, 2018, p. 46).

No final do século XIX, a perspectiva de construção da sociedade perfeita que seria o comunismo, conforme vislumbrou Marx, ressoou além das fronteiras do ocidente europeu. Na Rússia, país localizado nos continentes asiático e europeu, o ideário marxista foi acolhido por segmentos da sociedade que se insurgiam contra o regime czarista. Vladimir Ilyich Ulianov, que nasceu em Simbirsk, em 1870, destacou -se por ser o principal líder da revolução proletária naquele país. Lenine, cujo ativismo político esteve associado à vasta elaboração intelectual, em 1905, refletiu sobre a relação existente entre socialismo e religião. Em sua reflexão, Lenine deixava explícito que o objetivo do movimento comunista seria a construção do paraíso na terra.

Seria estreiteza burguesa esquecer que o jugo da religião sobre a humanidade é apenas produto e reflexo do jugo econômico que existe dentro da sociedade. Não é com nenhum livro nem com nenhuma propaganda que se pode esclarecer o proletariado se não o esclarecer a sua própria luta contra as forças negras do capitalismo. A unidade desta luta realmente revolucionária da classe oprimida pela criação do paraíso na terra é mais importante para nós do que a unidade de opiniões dos proletários sobre o paraíso no céu (Lenine, 1905).

Por acreditarem piamente na construção do “paraíso na terra”, os comunistas transformaram a utopia comunista numa autêntica “religião da salvação terrestre”. Conforme destaca Morin:

O religioso se infiltrou profundamente na promessa marxista porque, de certa forma, o novo mundo se efetiva com base em um verdadeiro messianismo: o messias sendo o proletariado industrial; a Revolução, o apocalipse; e a promessa, o triunfo da sociedade sem classes (Morin, 2011, p. 38).

Dessa forma, através da utopia comunista, as promessas anunciadas por Santo Agostinho, em sua obra clerical “A cidade de Deus” adquirem corpo e alma no plano terreno.

O século XX inicia com anúncios da certeza de progressos contínuos e ilimitados que seriam geradores de um futuro radiante. Em razão dos avanços tecnológicos, da preponderância do conhecimento científico e da urbanização crescente, as promessas de igualdade, liberdade, paz perpétua e dominação da natureza, garantidoras de um alvissareiro porvir, povoaram o imaginário de sociedades distintas ocupadas com a construção de experiências civilizacionais ancoradas na Lei do Progresso. Este é o tempo

em que as idealizações pretéritas seriam postas à prova nos países ocidentais e nas nações afetadas pela ocidentalização do mundo.

Averso das idealizações

Durante o século XX, Democracia Liberal, Socialismo Real, Nazismo, Fascismo e Ditaduras Militares foram experiências históricas que, ao modo de cada uma, buscaram colocar em prática as idealizações gestadas em séculos anteriores. Para além das suas significativas diferenças, essas experiências fundaram-se na crença da dominação da natureza e na certeza de um futuro luminoso. No contexto de concretização daquelas experiências, as guerras mundiais e regionais, a persistência das desigualdades sociais, os campos de concentração e a restrição das liberdades renunciavam que as promessas civilizatórias pretéritas não passavam de idealizações ingênuas e presunçosas. No final do século XX e início do XXI, época na qual emerge a hipermodernidade, o avesso das idealizações é escancarado com a aceleração da crise ecológica e com a emergência do novo coronavírus.

O século XXI inicia repleto de problemas civilizatórios. Entre os problemas existentes, destaco a crise ecológica derivada, em grande parte, das ações predatórias praticadas por contingentes significativos da sociedade planetária. Encantadas com a crença na existência da separação entre a natureza e a cultura, ao assumirem a presunçosa condição de possuidoras da natureza, parcelas da humanidade têm colocado em risco a sobrevivência da própria espécie. Numa ousada reflexão, cuja centralidade é a explicitação de que “jamais fomos modernos”, por convivermos permanentemente com a hibridez entre o natural e o cultural, Bruno Latour (1994, p. 14) informa-nos que “[...] as naturezas que deveriam ser dominadas de forma absoluta nos dominam igualmente de forma global, ameaçando a todos. Estranha dialética esta que faz do escravo dominado o mestre e o dono do homem”.

Problemas ecológicos fazem parte da história da humanidade desde os primórdios. Entretanto, nos últimos dois séculos, esses problemas aumentaram consideravelmente devido à expansão das economias baseadas na industrialização. A partir da Revolução Industrial, ocorrida inicialmente na Inglaterra no final do século XVIII, a produção de bens materiais cresceu de forma vertiginosa. Simultaneamente à expansão do desenvolvimento industrial, conforme diz Basarab Nicolescu (1999, p. 61), a concepção

mecanicista, que “[...] concebe a Natureza não como um organismo, mas como uma máquina, a qual basta desmontar peça por peça para possuí-la inteiramente”, triunfou. Ao ser dessacralizada por uma concepção que estava plenamente de acordo com a busca do aumento da riqueza material, conforme denuncia Vandana Shiva (2000, p. 300), a natureza terminou sendo considerada um “[...] repositório de matérias primas que aguardam sua transformação em insumos para a produção de mercadorias”.

O desenvolvimento industrial, que não ficou restrito às nações pertencentes ao continente europeu, possibilitou muitas inovações tecnológicas, diversas descobertas científicas, crescentes migrações das áreas rurais para os espaços urbanos e crescimento econômico em vários países. Com essas transformações, a técnica, a indústria e a ciência passaram a ocupar lugar central na vida dos povos ocidentais.

No século XX, com a expansão do industrialismo e da sociedade de consumo, o meio ambiente sofreu mais agressões do que em todos os séculos anteriores. Em 1918, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o governo bolchevique decretou que as águas dos afluentes do mar de Aral fossem desviadas para servir à revolução socialista com a irrigação de plantações de algodão. Com o desvio dos cursos dos rios, alguns anos depois, ocorreu o desastre: o mar de Aral, um imenso lago, começou a secar e o ambiente antes preenchido por água transformou-se num deserto salgado. Diversas espécies de peixes desapareceram e problemas climáticos, invernos gélidos e verões infernais, atingiram de forma drástica aproximadamente, 35 milhões de habitantes daquela região. Conforme destaca Morin (2000c, p. 44), ao refletir acerca da tragédia do mar de Aral, essa é mais uma demonstração de que “[...] a falsa racionalidade, isto é, a racionalização abstrata e unidimensional, triunfa sobre as terras”.

Durante o século XX, com o advento da energia nuclear, houve um agravamento dos problemas ambientais porque a utilização das substâncias radioativas necessárias à produção de energia trouxe perigo ao meio ambiente e aos seres vivos. Um dos danos causados pela geração da energia nuclear ocorreu em 1986 na Ucrânia, na cidade de Chernobyl, quando um reator explodiu, gerando uma severa contaminação através da propagação de substâncias radioativas.

Outro grande impacto causado ao meio ambiente teve origem na “Revolução Verde”, ocorrida na segunda metade do século XX, que objetivava aumentar a produção agrícola mundial através da criação e da multiplicação de sementes de alta produtividade.

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

Em razão da maciça utilização de fungicidas, inseticidas, herbicidas e fertilizantes, os solos passaram a receber grandes cargas de produtos químicos. Tal fenômeno contribuiu para a poluição de rios e lençóis freáticos e a destruição de cadeias biológicas necessárias à reprodução da vida nos diversos ecossistemas.

Essas ações, e tantas outras, ao estarem fundamentadas na crença de que o homem era capaz de dominar a natureza, causaram significativos danos à vida na Terra. Agora, quando as idealizações anunciadas pelo humanismo ocidental se desdobraram no seu contrário, a emergência das mudanças climáticas atesta que, diferentemente do que foi largamente apregoado, o mundo não pertence ao homem.

No que diz respeito à emergência do novo coronavírus, além de ter causado a morte de milhões de pessoas, o alastramento do vírus possibilitou a ocorrência de múltiplas mudanças no tecido social planetário. Antes do seu surgimento, significativas parcelas da humanidade estavam degustando as delícias e digerindo os malefícios existentes no mundo hipermoderno. Naquele período, incontáveis seres humanos, em várias partes do planeta, distraíam-se com as frivolidades individualistas, o endeusamento da técnica, o frenesi consumista e a imersão em uma vida acelerada.

Com a disseminação da Covid-19, abruptas mudanças afetaram a vida de incontáveis humanos que, em suas zonas de conforto ou desconfortavelmente, estavam imersos nas sociabilidades hipermodernas. Tragicamente, a morte passou a fazer parte do cotidiano de diversas sociedades. A economia mundial retraiu bruscamente com a vertiginosa queda da produção e do consumo. O desemprego disparou em muitas sociedades julgadas prósperas. As viagens intermunicipais, interestaduais e internacionais diminuíram radicalmente. Ruas e avenidas, antes ocupadas pelo frenético ir e vir de automóveis, esvaziaram-se, consideravelmente. E, colateralmente, para o bem da natureza, houve uma diminuição das ações antrópicas sobre a biosfera.

Uma das lições antropológicas resultantes da pandemia reside na constatação de que os humanos se depararam com uma experiência reveladora da fragilidade da sua própria espécie. Acostumadas com uma vida alicerçada no modo de ser presunção, traduzido na premissa de que o “homem é o senhor e possuidor da natureza”, parcelas da sociedade planetária estão sendo convocadas para reverem seus conceitos. Afinal, um integrante da comunidade de vida, o vírus, ao demonstrar cabalmente que o mundo não pertence ao homem, colocou em xeque o antropocentrismo largamente propagado.

A resignificação das ideias de progresso e evolução também aparece como uma lição antropológica da emergência da Covid-9. Desde muito tempo, parcelas consideráveis da população mundial partilharam da ideia de que o progresso humano, sinônimo de crescimento econômico, avanço tecnológico e bem-estar material, além de inexorável, era ilimitado. Entretanto, com a emergência do coronavírus, as fragilidades dessa visão ficaram explícitas. Afinal, não existe progresso contínuo e ilimitado. Isto pôde ser constatado quando identificamos que os Estados Unidos da América, um dos países mais avançados tecnologicamente, foi a nação onde ocorreu o maior número de mortes na pandemia da Covid-19. Dessa forma, na pandemia, fomos informados que os outros seres pertencentes à comunidade de vida, à sua maneira, experimentam evoluções. Esse é o caso do novo coronavírus.

Complexidade: via regeneradora do humanismo ocidental

O tempo presente é preenchido por emergências que confirmam a existência dos avessos das idealizações, ancoradas na crença da dominação da natureza e na certeza de um futuro esplêndido, anunciadas pelo humanismo ocidental. Diante desse novo contexto, faz-se necessário que o humanismo ocidental se regenere para contribuir no enfrentamento das atuais demandas civilizatórias. Assim sendo, encontramos na cultura ocidental, como foi o caso de São Francisco de Assis, indivíduos que apostam em metamorfoses do humanismo tecido no mundo ocidental. Edgar Morin, o “artesão do pensamento complexo” é um deles.

Edgar Morin nasceu na França, em Paris, no ano de 1921. Morin formou-se em História, Geografia e Direito, participou da Resistência Francesa contra o nazifascismo, aderiu ao Partido Comunista em 1941 e foi expulso, uma década depois, por suas posições críticas diante do stalinismo. A primeira investida intelectual de Morin ocorreu com a publicação do livro “O ano zero da Alemanha”, em 1946, no qual ele teceu uma narrativa sobre a situação da sociedade alemã no imediato pós-guerra. Demonstrando sua disposição em romper com as rígidas fronteiras disciplinares, ao adentrar numa reflexão antropológica em 1951, Morin publicou “O homem e a morte”. Ao escrever o livro “O cinema ou o homem imaginário”, publicado em 1956, ele iniciou uma reflexão sobre arte e cognição. A partir daquele momento, em vários livros, Morin procurou refletir sobre

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

política, cultura de massas, imaginário, desenvolvimento, sociologia do presente, entre outros temas, antes da publicação da obra “O Paradigma perdido”, onde são encontrados os pilares epistemológicos fundamentais do Pensamento Complexo. Em “O paradigma perdido”, publicado em 1973, Morin, ao assumir a sua vocação transdisciplinar, explicita uma de suas principais obsessões intelectuais que é a aposta na religação dos saberes:

Trata-se muito mais do que estabelecer relações diplomáticas e comerciais entre as disciplinas, em que cada uma delas se confirma na sua soberania. Trata-se de pôr em questão o princípio das disciplinas que transformam em picado o objeto complexo, o qual é essencialmente constituído pelas inter-relações, pelas interações, pelas interferências, pelas complementaridades, pelas oposições entre elementos constitutivos, cada um dos quais é prisioneiro de uma disciplina particular. Para haver uma verdadeira interdisciplinaridade, é preciso que as disciplinas sejam articuladas e abertas sobre fenômenos complexos, e, evidentemente uma, metodologia *ad hoc*. Também é necessária uma teoria – um pensamento – transdisciplinar que se esforce para abranger o objecto, o objecto único, 208 simultaneamente contínuo e descontínuo, da ciência: a *physis* (Morin, 2000a, p. 208).

Após a publicação de “O paradigma perdido”, Morin dedicou-se ao trabalho de construção da obra “O método”. Através dos seis volumes dedicados às reflexões sobre natureza, vida, conhecimento, ideias, humanidade e ética, Morin expõe densamente sobre os operadores cognitivos, as noções e os princípios que constituem a epistemologia da complexidade. Averso à idolatria de falsas certezas e descrente de receitas teóricas e de doutrinas, ao incorporar a sentença de que “o caminho se faz ao caminhar”, Morin enfatiza o caráter aberto de sua obra:

Eu não trago o método. Eu parto em busca do método. Eu não parto com o método, eu parto com a recusa totalmente consciente da simplificação. A simplificação é a disjunção em entidades separadas e fechadas, a redução a um elemento simples, a expulsão do que não entra num esquema linear (Morin, 2005, p. 35).

Possuidor de uma vasta produção bibliográfica e de incontáveis cursos, conferências e palestras proferidas em diversos países em sua longa vida, Morin, ao assumir que “a vida é, simultaneamente, a coisa mais horrível e a mais maravilhosa”, continua insistindo na necessidade de a cultura ocidental acolher as contradições, religar os saberes e regenerar o seu próprio humanismo.

Na busca de regeneração do humanismo ocidental, ao indicar a necessidade do humano introjetar a sua **condição biocultural**, o pensamento complexo emerge como matriz cognitiva fundamental no processo de superação do antropocentrismo. O humano,

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

portador de dimensões culturais, aprende, ensina, fabrica, abstrai, estuda, cria, canta, chora, dança, brinca, experimenta, reza, classifica, medita. Entretanto, em qualquer lugar do planeta, o humano, por ser integrante do mundo da natureza, nasce, cresce, digere, excreta, quase sempre reproduz, e perece. Essa é a condição do vivente.

O humano é “100% natureza e 100% cultura”. Disso decorre que, ao versarem sobre os outros seres vivos existentes no planeta Terra, os humanos não podem sair por aí falando os “homens e os animais”. Coerente com a animalidade inscrita em sua condição biológica, ao acolher um humanismo despido da presunção antropológica, o ser humano deve dizer “o homem e os outros animais” sempre que se referir ao mundo da vida. Ainda que tenha capacidade de “criar outros mundos”, o humano desintegra, dissolve e dissipa. Enquanto o paradigma dominante ainda concebe que “o mundo pertence ao homem”, o humanismo regenerado, ao fundar-se relação indissociável entre natureza e cultura, afirma que “o homem pertence ao mundo”. Eis aí a chave da necessária humildade antropológica.

Na busca da regeneração do humanismo ocidental, o **princípio da ecologia da ação** amplia os caminhos para o alcance da humildade antropológica. Em sua juventude, Morin foi aluno do historiador George Lefebvre. Ao ministrar aulas sobre a Revolução Francesa, Lefebvre refletiu sobre a crise de múltiplas dimensões vivenciada na França no final do século XVIII. Estudando a Revolução Francesa, ao buscar pensar por si mesmo, Morin gerou uma compreensão singular sobre os processos históricos que foi por ele teorizada como princípio da “ecologia da ação”. Ao ficar atento às explanações de Lefebvre sobre a Revolução Francesa, Morin constatou que:

A Revolução havia sido suscitada, em sua origem, por uma reação aristocrática que, querendo aproveitar-se da debilidade do poder real para retomar antigas prerrogativas abolidas pela monarquia absoluta de Luís XVI, suscitou a convocação dos Estados-gerais, os quais desencadearam o processo revolucionário contrário (Morin, 2000b, p. 29).

A partir do entendimento sobre o processo revolucionário ocorrido em seu país há mais de duzentos anos, Morin concluiu que “[...] as consequências da ação escapam das intenções dos seus iniciadores”, porque uma ação desencadeada em um contexto preenchido por múltiplas relações pode desdobrar-se se no contrário da intenção desejada. A partir dessa compreensão, depreende-se que o princípio ecologia da ação é o operador cognitivo esclarecedor de como o “amai-vos uns aos outros”, propagado por Jesus Cristo,

transformou-se no seu contrário na Inquisição e nas guerras religiosas ocorridas no mundo moderno. É o princípio da ecologia da ação que possibilita entender porque Marx apontava o desaparecimento do estado após as revoluções proletárias e terminou acontecendo justamente o contrário. O estado, ao invés de desaparecer, fortaleceu-se. É a ecologia da ação que explica porque Carlos Lacerda e Ademar de Barros, promotores do golpe civil-militar ocorrido no Brasil em 1964, foram cassados pelo regime que eles ajudaram a implantar. Diante dos desafios do tempo presente, o acolhimento do princípio da ecologia da ação contribui para a superação das idealizações ao apontar para a necessidade de prudência e precaução na execução dos propósitos elaborados pelos humanos.

Na primeira metade do século XX, no interior da ciência moderna, emergiu o **princípio da incerteza** que se constitui num operador cognitivo fundamental à regeneração do humanismo. O físico alemão Werner Heisenberg, no final da década de 20 do século passado, ao envolver-se com suas pesquisas laboratoriais sobre os universos subatômicos, atestou a impossibilidade de medição simultânea e precisa da posição e da velocidade de uma partícula. A partir dessa constatação acerca das indeterminações existentes nos mundos quânticos, o princípio da incerteza ultrapassou as fronteiras disciplinares e adentrou nas ciências antropossociais. Mesmo que essa migração conceitual, para além da física, possa ter possibilitado alguma perda na definição original do conceito de incerteza, o acolhimento desse princípio é essencial porque, através de sua aplicação, é possível reconhecer as imprevisibilidades históricas. Atento às metamorfoses ocorridas no itinerário da ciência ocidental, Morin acolheu o princípio da incerteza como um operador cognitivo fundamental à compreensão das mutações civilizatórias. Coerente com as perspectivas epistemológicas contidas no princípio da incerteza, Morin tem afirmado que a história humana é preenchida por acidentes, aleatoriedades, indeterminações, acasos e imprevisibilidades. Ao sustentar a premissa de que os vivos pertencentes à espécie humana devem estar cientes da existência das indeterminações civilizatórias, Morin faz indagações que atestam a inquietante presença da incerteza na história:

Quem teria pensado, na primavera de 1914, que um atentado cometido em Sarajevo desencadearia a guerra mundial que duraria quatro anos e faria milhões de vítimas?

Quem teria pensado, em 1916, que o exército russo se desagregaria e que um pequeno partido marxista, marginal, provocaria, contrariamente à própria doutrina, a revolução comunista de 1917?

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

Quem teria pensado, em 1918, que o tratado de paz assinado trazia em si os germes da Segunda Guerra Mundial que arrebentaria em 1939?

Quem teria pensado, na prosperidade de 1927, que uma catástrofe econômica, iniciada em 1929, em Wall Street, se abateria sobre o planeta?

Quem teria pensado, em 1930, que Hitler chegaria legalmente ao poder em 1933?

Quem teria pensado, em 1940-41, afora alguns irrealistas, que o formidável domínio nazista sobre a Europa, após os impressionantes progressos de Wehrmacht na URSS até as portas de Leningrado e Moscou, seria acompanhado em 1942 pela reviravolta total da situação?

Quem teria pensado, em 1943, durante a plena aliança entre soviéticos e ocidentais que a guerra fria se manifestaria entre estes mesmos aliados?

Quem teria pensado, em 1980, afora alguns iluminados que o Império Soviético implodiria em 1989? (Morin, 2000c, p.80-81).

Ciente da vitalidade do princípio da incerteza, adiciono três questões que reafirmam a pertinência desse operador cognitivo para o alargamento da compreensão acerca dos processos civilizatórios e para a conseqüente regeneração do humanismo ocidental: (i) Quem teria pensado no eufórico Comício da Central do Brasil, ocorrido em 13 de março de 1964, que alguns dias depois o presidente seria deposto e uma ditadura civil-militar seria implantada?; (ii) Quem teria pensado, em maio de 2013, num cenário caracterizado pela calma, que o Brasil seria sacudido por gigantescas manifestações no mês seguinte?; e (iii) Quem teria pensado, em 31 de dezembro de 2019, no *Réveillon* na Praia de Copacabana ou na *Time Square*, que três meses depois as populações dos EUA, do Brasil e de outras nações estariam enclausuradas em suas casas em virtude da propagação da Covid-19?

Indubitavelmente, ainda que os humanos, em especial os ocidentais, busquem, incessantemente, obter certezas, o inesperado sempre bate à porta. No oceano de incertezas no qual os humanos estão submersos, uma das raras certezas, a morte, é preenchida por três indeterminações. O vivente humano, seja ele quem for, não sabe onde, quando e como irá perecer.

Além de rejeitarem as incertezas, as concepções dominantes do humanismo ocidental são permeadas por afirmações pautadas em rígidas dualidades. Entretanto, podemos encontrar no Ocidente pensadores que, ao transcenderem às lógicas dualistas, atestam a existência de relações complementares e antagônicas entre opostos. Na Grécia Antiga, Heráclito, um pioneiro no acolhimento das contradições, ao afirmar que “o bem e o mal são uma coisa só” e que “o caminho da ascensão e o caminho da queda são os mesmos”, contribuiu para o desabrochar de visões imunes aos maniqueísmos. Na época

de gestação da modernidade, Blaise Pascal, conforme informa Morin (2012, p. 58), assumia as contradições formulando e respondendo à seguinte indagação: “Que quimera é, então o homem? Que novidade, que monstro, que caos, que sujeito de contradições, que prodígio! Juiz de todas as coisas, verme imbecil da terra; depositário do verdadeiro, cloaca de incerteza e de erros; glória e escória do universo”. Influenciado pelas ideias de Heráclito e Pascal, Morin assim definiu o **princípio dialógico** que é um dos pilares fundamentais à regeneração do humanismo:

Unidade complexa entre duas lógicas, entidades ou instâncias complementares, concorrentes e antagônicas que se alimentam uma da outra, mas também se opõem e combatem. Distingue-se da dialética hegeliana. Em Hegel, as contradições encontram uma solução superam-se e suprimem numa unidade superior. Na dialógica os antagonismos persistem e são constitutivos das entidades ou fenômenos complexos (Morin, 2002, p. 300).

Estando ancorado na existência de relações complementares e antagônicas entre opostos, o princípio dialógico insere-se no processo de regeneração do humanismo porque, através da incorporação de sua premissa, são descortinadas compreensões que atestam a relação indissociável entre objetividade - subjetividade, razão - emoção, parte - todo, natureza - cultura, sapiência - demência, bem - mal, cooperação – competição, utopia -realismo. Ao lidarmos com o princípio dialógico constataremos a existência de contradições insuperáveis, esse é o caso da dialógica natureza-cultura. Ainda que os humanos ampliem os seus repertórios culturais, inclusive com a invenção das inteligências artificiais, inelutavelmente, o homem está enraizado no reino natural.

Diante do atual contexto, que está exigindo a superação das ilusões antropocêntricas, a aposta na construção, aqui e agora, de **utopias realistas** potencializam a regeneração do humanismo ocidental. Para que experiências civilizatórias fundadas na relação dialógica entre **utopia** e realismo possam florescer é necessária a incorporação da desilusão como um potente operador cognitivo. Aceitar que a crença na dominação da natureza e a certeza da perfeição do porvir são autênticas ilusões é uma tarefa fundamental no processo de enfrentamento da atual transição civilizatória. Conforme sublinhou Morin, ao refletir sobre a necessidade de uma “política do homem”:

Desilusão não é desespero. É condenar à morte a ideia de salvação sobre a terra. É abandonar o sonho de abolir toda contradição no ser... No plano antropológico isto significa que não existiria uma salvação, um refúgio histórico, onde se resolveriam os conflitos essenciais. Fazem parte constitutiva da vida humana a limitação e a alienação (Morin, 1969, p. 31).

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

A cultura ocidental, ao longo dos séculos, foi moldada por visões, religiosas ou laicas, possuidoras da certeza de que o futuro seria o tempo preenchido pela perfeição. Encantadas com a ideia de futuro, as sociedades ocidentais, além de possuírem “religiões da salvação celestial”, criaram as “religiões da salvação terrestre” como foi o caso da utopia comunista. No final do século passado, ao participar dos “Encontros de Châteuvallon”, nos quais aconteceram densas reflexões acerca da temática “Para uma utopia realista”, Morin assim definiu duas perspectivas utópicas existente na sociedade planetária:

A primeira é, evidentemente, a esperança numa sociedade melhor, no qual as relações entre os seres humanos não seriam tão atroz, tão desprezíveis, tão baseadas em conflito, em relações de dominação de exploração e; sociedades onde haveria mais liberdade, mais fraternidade. Para mim esta é a *boa utopia*. A *má utopia* era aquela que pretendia realizar a harmonia perfeita, eliminar a dor e qualquer conflito, tornar transparente cada indivíduo (Morin, 1998, p. 11).

No atual momento histórico, bem viver, *slow food*, convivialismo, decrescimento, *slow Science*, simplicidade voluntária, movimentos agroecológicos, *slow scholl*, permacultura, cidades em transição, minimalismo, voluntariado, entre outras iniciativas, são vivências e ideias consoantes com a unidade dialógica existente entre utopia e realismo. Enfim, estando pautadas em valores solidários e parcimoniosos, as sementes de uma boa utopia estão germinando aqui, acolá e alhures. Diante dos atuais desafios civilizatórios, a propagação dessas vivências e ideias apontam para a necessidade de não destinar ao futuro o que o presente está exigindo. E o que o presente está exigindo é a metamorfose na forma de pensar e agir dos humanos consigo próprios, com os outros seres da natureza e com a casa comum que é o planeta Terra.

Referências

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1962.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

COMTE, Augusto. **Discurso preliminar sobre o espírito positivo**. Tradução de Renato Barboza Rodrigues Pereira. Edição Eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores, 2002.

Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/comte.pdf>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

COSTA NETO, Pedro Leão da. Notas preliminares sobre o conceito de progresso em Friedrich Engels e Karl Marx. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 43-52, maio 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/26119/15992>. Acesso em: 22 de jul. de 2023.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade**. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC-Rio, 2006.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos**. 90ª edição. Tradução de Salvador Gentile, revisão Elias Barbosa. Araras, SP: Instituto de Difusão Espírita, 1994.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro Editora 34. 1994.

LENINE, V.I **O socialismo e a religião**: publicado no Jornal Novata Jizn nº 28, de 3 de Dez. 1905. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1905/12/03.htm> Acesso em: 18 de Jul. 2023.

MORIN, Edgar. **Introdução à política do homem**. Tradução de Celso de Cylos. Rio de Janeiro: Forense: 1969.

MORIN, Edgar. **Para uma utopia realista**. Tradução de Teresa Cristina Silva. Lisboa: Editora Piaget, 1998.

MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. 6. ed. Tradução de Hermano Neves. Lisboa: Europa-América, 2000a.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 2. ed. Tradução de Leneide Duarte e Clarice Meireles. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F da Silva e Jeanne Sawaya; Revisão Técnica de Edgard Assis de Carvalho. São Paulo; Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000c.

MORIN, Edgar. **O método 2: a humanidade da humanidade**. Tradução de Juremir Machado da Silva; Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**: Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Cultura e barbárie européias**. Tradução de Daniela Cerdeira . Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2009.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo?** Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HUMANISMO OCIDENTAL EM MOVIMENTO: DAS ORIGENS DAS IDEALIZAÇÕES
À COMPLEXIDADE REGENERADORA

Carlos Alberto Pereira Silva

MORIN, Edgar. **Meus filósofos**. Tradução de Edgard Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2012.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

NISBET, Robert. **História da idéia de progresso**. Tradução de Leopoldo José Color Jardim. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

QUINN, Daniel. **Ismael**: um romance da condição humana. Tradução de Thelma Médice Nóbrega. São Paulo; Peirópolis, 2007.

SHIVA, Vandana. Recursos Naturais. In: SACHS, Wolfgang (Org). **Dicionário do desenvolvimento**. Tradução de Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

Informações dos autores

Carlos Alberto Pereira Silva. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenador do Laboratório Transdisciplinar de Estudos em Complexidade.

Contribuição de autoria: autor.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4728452634290857>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SILVA, Carlos Alberto Pereira. Humanismo ocidental em movimento: das origens das idealizações à complexidade regeneradora. **Perspectivas e Diálogos**: Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 6, n. 11, 2023, p. 21-43.